

Noções emergentistas no pensamento da Psicologia da Gestalt

Leonardo Lana de Carvalho

Frederico Fernandes de Castro

Marcos Vinicius de Matos Escobar

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

INTRODUÇÃO

Uma perspectiva emergentista sobre o problema mente-corpo vem se construindo no diálogo entre posições dualistas e materialistas. Neste ensaio, o objetivo foi retratar o conceito de mente como um fenômeno material emergente a partir da psicologia da *gestalt* partindo de noções em vigor dos *qualia* como propriedades emergentes em filosofia da mente. Nos parece bastante claro que vem ocorrendo uma convergência, termo do jargão da teoria dos sistemas complexos, entre a tradição da filosofia analítica com uma tradição psicológica que vem sendo enormemente recuperada, revisada e incorporada pelas ciências cognitivas, a psicologia da *gestalt*. Com efeito, o ponto de convergência parece ser uma filosofia da mente que privilegia, na análise do conceito de mente, noções emergentistas.

Uma pesquisa revisando o pensamento gestáltico se justifica pelo intenso debate em torno da tese emergentista da mente. Sem a pretensão de uma exposição extensiva dos usos de noções emergentistas na análise do conceito de mente, realiza-se uma exposição do conceito com foco nas perspectivas de John R. Searle e de Evan Thompson. Ambos realizam uma defesa da emergência como conceito central na compreensão e explicação da relação mente corpo,

mas o primeiro centrado no conceito de propriedades emergentes e o segundo centrado no conceito de processos emergentes. Neste debate entendemos que contribuições da teoria da *gestalt* podem se fazer interessantes. Apresenta-se neste contexto o pensamento gestáltico enfatizando o texto “Über ‘Gestaltqualitäten’ ” de 1932, ditado à sua esposa por Christian von Ehrenfels (1859-1932) no ano de sua morte como um comentário a partir da repercussão de seu artigo “Über ‘Gestaltqualitäten’ ”, publicado em 1890 e comentado pelos três autores de maior repercussão da psicologia da *gestalt*; Max Wertheimer (1880-1943), Kurt Koffka (1886-1941) e Wolfgang Köhler (1887-1967).

A CONVERGÊNCIA DE DUAS TRAJETÓRIAS: FILOSOFIA ANALÍTICA E PSICOLOGIA DA GESTALT

Podemos entender que hodiernamente é mais interessante falar de filosofia da mente e ciências cognitivas. No entanto o desenvolvimento das problemáticas tratadas pela filosofia analítica e pela psicologia da *gestalt* ocorreram de forma peculiar na construção da filosofia da mente e das ciências cognitivas, de modo que não se perde ao entender estes processos. Parece bastante claro que veio ocorrendo uma convergência das trajetórias da filosofia analítica e da psicologia em direção a noções emergentistas da mente.

FILOSOFIA ANALÍTICA DA MENTE

Na perspectiva da história da filosofia pode-se ver a descendência da filosofia analítica da tradição do empirismo inglês. A teoria do conhecimento de John Locke, de Georges Berkeley e de David Hume mas sobretudo da filosofia transcendental de Immanuel Kant (SEARLE, 1996/2010). É bastante interessante perceber como o problema dos *qualia* e possíveis soluções voltadas para um todo são articuladas para defender uma diversidade de pontos de vista. Em Berkeley, é em um todo ou como certo todo que uma ideia ou uma percepção são a mesma coisa, estando incluso aí as qualidades sensíveis como cor, forma, movimento, odor, etc.

[...] let it be considered the sensible qualities are colour, figure, motion, smell, taste, etc, i.e. the ideas perceived by sense. Now, for an idea to exist in an unperceiving thing is a manifest contradiction; for to have an idea is all one as to perceive; that therefore wherein colour, figure, etc exist must perceive them; [...]. (BERKELEY, 1710/1998, §7)

Segundo Searle (1996/2010) a filosofia analítica está baseada no trabalho de Gottlob Frege, Ludwig Wittgenstein, Bertrand Russell e G. E. Moore e deve muito também aos positivistas do círculo de viena.

A melhor maneira de resumir as origens da filosofia analítica moderna é dizer que ela surgiu quando a tradição empirista na epistemologia, junto com o empreendimento fundacionista de Kant, foram vinculados pelos métodos de análise lógica e pelas teorias filosóficas inventadas por Gottlob Frege no século XIX. (SEARLE, 2010, p. 2)

No entendimento de Searle (1996/2010), Gottlob Frege tornou, no seio da filosofia analítica, a filosofia da linguagem central ao pensamento filosófico da época. Ao investigar os fundamentos da matemática, Frege propõe a lógica simbólica em sua forma moderna, especificamente o cálculo de predicados. Desenvolve assim uma filosofia da linguagem capaz de repensar de modo abrangente e profundo os problemas filosóficos em geral, combinando temas tradicionais com técnicas modernas. O autor enfatiza que nos mais de trezentos anos da filosofia da mente a filosofia analítica da mente é uma redescoberta do conceito de mente. Com o propósito de estabelecer verdades analíticas sobre relações lógicas envolvendo conceitos de nossa linguagem, estabelecendo a análise conceitual como sinônimo de filosofar, não se discutia como na antiguidade a natureza do bem, da verdade, do belo ou do justo, não obstante, os filósofos analíticos passaram a entender que o papel dos filósofos era analisar o significado dos conceitos na linguagem, assim analisar o significado de conceitos como “bondade”, “verdade”, “beleza” e “justiça”. (SEARLE, 1996/2010)

Da filosofia como análise lógica dos conceitos na linguagem usados nas tradições filosóficas, nas ciências e no senso comum, uma nova trajetória se apresenta para a filosofia analítica. Da análise do conceito

de linguagem uma transição se apresenta, a análise de um conceito em certa perspectiva mais abrangente, que seria por um lado interessante para reeditar os problemas filosóficos em geral mais uma vez, mas que por outro lado parecia carecer de uma nova revisão, característica do método analítico. Trata-se do conceito de mente. Na análise searleana:

Dado que os atos de fala são ações como outras quaisquer, a análise filosófica da linguagem é parte da análise geral do comportamento humano. E, como o comportamento humano intencional é uma expressão dos fenômenos mentais, revela-se que a filosofia da linguagem e a filosofia da ação constituem, de fato, apenas aspectos diferentes de uma área maior, a saber, a filosofia da mente. (SEARLE, 2010, p. 8)

Podemos discordar de Searle e entender que a filosofia da mente é constituinte da filosofia da ação e que é preciso reduzir a intencionalidade a mais uma ação ordinária da natureza. Evan Thompson poderia ter apontado este aspecto em sua crítica ao emergentismo searleano ao defender a abordagem enativa da cognição (a mente como ação). Entendemos que podemos e é de grande utilidade em certa perspectiva pensar em algo mais abrangente ainda do que a filosofia da ação e esta possibilidade é a filosofia do sistema. A análise do problema mente-corpo demanda uma revisão habilidosa do conceito de matéria. A teoria dos sistemas tem o potencial de oferecer uma nova terminologia e de cessar com definições auto excludentes de mente e matéria (mente não é matéria; matéria não é mente).

A ideia de uma filosofia primeira é tentadora. Todavia, pode ser mais instrutivo clarificar o problema investigado elencando os usos dos conceitos nas análises do problema já efetuadas até então. Se a análise conceitual se mostra de grande relevância para entender a mente, os conceitos de mente, ação, sistema e tantos outros podem ser tão interessantes quanto para se entender a linguagem. O mais proveitoso continua sendo se lançar neste sistema complexo de dependências, estabelecendo relações horizontais, evitando dependências verticais entre as áreas de conhecimento e montando um cabedal conceitual frutífero para o entendimento de certa temática.

ORIGENS DA PSICOLOGIA DA GESTALT

As origens da teoria da *gestalt* e da filosofia analítica remontam a um ponto de bifurcação no seio do empirismo inglês e o ponto de convergência está no cruzamento da filosofia da mente e das ciências cognitivas. Uma obra em especial marca o início de uma trajetória original da teoria da *gestalt*. Este é o livro “Psicologia de um ponto de vista empírico” de 1874 de Franz Clemens Brentano. Na linha de influências Smith (1988) liga três autores à Brentano: Carl Stumpf, E. Husserl e C. von Ehrenfels.

Carl Stumpf (1848-1936) começou a estudar na Universidade de Würzburg, onde se tornou aluno de Brentano. Durante sua formação e a conselho de Brentano, Stumpf foi para Göttingen. Lá estudou fisiologia com Wilhelm Weber e filosofia com Hermann. Influenciado pelo pensamento de Brentano, Stumpf se convence da possibilidade de uma colaboração intensa, dialógica e frutífera entre as ciências naturais e a filosofia. Stumpf procede em suas pesquisas de modo semelhante ao dos psicólogos experimentais, o que diferencia seu trabalho da maioria dos filósofos de sua época. Ao deixar Würzburg, em 1879, para ocupar um cargo em Praga, conhece Ernst Mach, que ocupava a cadeira de física naquela universidade. Em 1884, Stumpf retorna à Alemanha, em Halle, onde E. Husserl se tornar seu aluno desde 1886. A fenomenologia de Stumpf entende que é necessário manter uma relação horizontal e dialogal com as ciências. Neste ponto Husserl romperá com seu mentor. Em 1896, Stumpf participou da organização do III Congresso Internacional de Psicologia e fez o discurso de abertura sobre o problema mente-corpo. Durante este período, Stumpf exerce forte influência sobre os três estudantes que seriam os fundadores da psicologia da *gestalt*. Wertheimer estudou a percepção da música em Berlim com Stumpf, enquanto que Köhler e Koffka escreveram suas teses sob sua direção. (SMITH, 1988)

Ehrenfels (1890/1988) introduz o conceito de “*Gestaltqualitäten*” (qualidades de forma) como qualidades de experiência que não podem ser reduzidas a combinações de elementos sensoriais, como por exemplo uma melodia. Em manuais Köhler é apresentado como indo além ao entender que as “*Gestalten*” (formas ou padrões) ocorrem não so-

mente em uma estrutura psicológica baseada em sensações, mas também na física. O que é desmistificado em Smith (1988). Para Köhler, em sua obra *“Static and Stationary Physical Gestalts”* de 1920, a teoria da *gestalt* consiste em uma lei geral da natureza. Em seu livro *“Gestalt Psychology: An Introduction to New Concepts in Modern Psychology”* de 1929, o termo *gestalt*, refere-se: 1. A propriedades gerais como a forma triangular de uma figura geométrica ou o ritmo de uma melodia. 2. Denota a unidade ou a entidade concreta que tem como atributo uma forma, uma característica ou um formato específico. O isomorfismo entre mente e atividade nervosa é defendido argumentando tratar-se da mesma *gestalt*. A mente é vista como ativa pois enquanto fenômeno físico possui uma força interna, a força dos campos eletromagnéticos. (KÖHLER, 1929/1947)

Parece mais instrutivo apresentar em que contexto filosófico contemporâneo esta recuperação do problema mente-corpo na teoria da *gestalt* se mostra interessante e contributiva. Sem a pretensão de uma exposição extensiva dos usos de noções emergentistas na análise do conceito de mente, a intenção é apresentar pontos fortes do intenso debate em torno da tese emergentista em filosofia da mente.

NOÇÕES EMERGENTISTAS EM FILOSOFIA DA MENTE

Os usos que fazem Searle e também Thompson de termos emergentistas são bastante diferentes. Ambos realizam uma defesa da emergência como conceito central na análise da relação mente-corpo, mas o primeiro centrado no conceito de propriedades emergentes e o segundo centrado no conceito de processos emergentes. Neste debate é que entendemos que contribuições da teoria da *gestalt* se tornam mais relevantes.

Em sua crítica ao que Nagel (1974/2004) entende como reducionismo da mente, ele advoga que a mente é uma propriedade especial, única, singular. Radicalmente distinta de qualquer outra propriedade emergente da natureza.

“... what makes the mind-body problem unique, and unlike the water-H₂O problem or the Turing machine-IBM machine problem or the lightning-electrical discharge problem or the gene-

DNA problem or the oak tree-hydrocarbon problem, is ignored.”
(NAGEL, 1974/2004, p. 528)

Em Searle (1992/2006), as propriedades mentais não podem ser reduzidas aos elementos neurológicos do sistema ou à composição dos elementos do sistema nervoso. As propriedades mentais são assim simplesmente “... propriedades biológicas ordinárias de nível superior de sistemas neurofisiológicos como os cérebros humanos.” (Searle, 1992, p. 44). As propriedades são aspectos dos sistemas tão distintos dos elementos e compostos destes que “... parece improvável que cada tipo de estado mental haja um e somente um tipo de estado neurofisiológico ao qual seja idêntico.” (SEARLE, 1992/2006, p. 58). Searle (1996/2010) diz que: “Não há razão para supor que apenas sistemas com neurônios como os nossos possam apresentar estados mentais...” e que assim “... a ‘teoria da identidade tipo a tipo’ foi substituída pela ‘teoria da identidade caso a caso’.” (p. 14). Ainda neste trecho ele manifesta a crença de que o que torna possível o mesmo estado mental realizável por diferentes estados neurofisiológicos é que “... servem à mesma *função* na ecologia geral do organismo.” (p. 14). Podemos dizer que para Searle mentes não são simplesmente processos mentais, pois o conceito de processos mentais não envolve propriedades mentais. É deste modo que interpretamos sua conhecida argumentação de que: “Mentes não podem ser equivalentes a programas, porque programas são definidos de maneira puramente formal ou sintática, enquanto as mentes possuem conteúdos mentais.” (SEARLE, 1996/2010, p. 14).

Não vemos motivo para refutar a versão forte da inteligência artificial por isso, sobretudo em conhecimento das propriedades emergentes que sistemas de redes neurais, sistemas dinâmicos e sistemas complexos computacionais são capazes de causar. Neste texto de 1996, Searle aparece bem mais aberto: “A meu ver, o resultado recente mais interessante da ciência cognitiva foi o desenvolvimento desses ‘modelos de redes neurais’ para explicar a cognição humana.” (SEARLE, 1996/2010, p. 15). Nota-se que depois da teoria conexionista deve-se computar ao avanço do estudo sobre as emergências computacionais as colaborações das teorias enativa, dinamicista e sistemas complexos da cognição.

Ambos, Nagel e Searle entendem que a irreduzibilidade da consciência ocorre pois é impossível à metodologia das ciências naturais

fazer o que costumam fazer em seu procedimento epistêmico normal: objetivar. Ora, a dureza de um diamante é notória entre os materiais, todavia raramente se percebe a verdade óbvia de que a dureza é antes uma propriedade mental, usada como base do conhecimento da dureza física. As pessoas agem como se a dureza mental fosse a realidade da natureza em si. O cientista, mesmo se possui consciência da lacuna, age metodologicamente em terceira pessoa, trata da dureza real, mesmo tendo acesso somente a suas propriedades mentais. O método científico lhe permite tal esquecimento, sem consequências profundas para seu trabalho, afirma Searle (1992/2006). Não obstante, há uma propriedade que resiste de modo especial ao procedimento normal de “redução” (esquecimento ou negligência) da ciência: a consciência. Não há como eu esquecer ou negligenciar minha experiência consciente e passar a entendê-la em termos de propriedades objetivas do meu sistema nervoso (NAGEL, 1974/2004; 1992/2006).

Existem lacunas intransponíveis para Searle. Uma lacuna ontológica, pois propriedades não podem ser reduzidas a processos ou estruturas, mas também epistemológica, pois ele não considera simples reduzir ou identificar duas propriedades mentais específicas. Existe minha consciência (1) de minha consciência (2) e minha consciência (1) das propriedades neurológicas (3). O modo de conhecimento da consciência não é o mesmo. Um chama-se acesso subjetivo (2) e o outro acesso objetivo (3). O fato analítico pode ser irrefutável, todavia o processo metodológico das ciências naturais vai continuar tratando a consciência dos outros de modo objetivo. Naturalistas vão continuar tratando suas consciências como fenômenos naturais, provenientes de seus corpos, de seus sistemas nervosos. Isto ocorre sem consequências profundas para a ciência (SEARLE, 1992/2006). Em certa perspectiva é possível dizer que:

O emergentismo epistemológico diz que a melhor forma de compreender um sistema se encontra ao nível da estrutura, comportamentos e leis de todo o sistema; e o emergentismo ontológico diz que um todo é mais do que a soma das suas partes e das suas propriedades intrínsecas. [...] esta oposição entre partes *versus* todo, ou entre características básicas (concebidas como propriedades intrínsecas de particularidades microscópicas) *versus* características emergentes é parte do problema, e não parte da solução. (THOMPSON, 2013, p. 479)

Thompson (2007/2013) entende que usar uma terminologia baseada em “propriedades” é um vestígio do dualismo cartesiano que torna o problema intransponível. O debate sobre ascendência e sobre a capacidade de causação descendente de propriedades não passaria de uma reedição da interação mente-corpo em Descartes. “Desta perspectiva, a expressão *causalidade descendente* é sintomática de um reconhecimento parcial de causalidade do sistema, juntamente com uma incapacidade para mudar completamente para uma perspectiva de causalidade do sistema.” (THOMPSON, 2013, p. 489)

Embora a designação propriedade emergente seja generalizada, prefiro a de processo emergente. Em rigor, não faz sentido dizer que uma propriedade emerge, mas apenas que acaba por ser realizada, instanciada ou exemplificada num processo ou entidade que emerge no tempo. (THOMPSON, 2013, p. 480-81)

A emergência como processo realiza-se no tempo, como ação, como movimento dos elementos estruturais. Do mesmo modo que o corpo propicia o caminhar e o ato de caminhar no meio modifica o corpo, Thompson entende que os processos ao modificarem a estrutura inauguram um sistema autopoietico (autoprodutor). “A emergência é um processo temporal, mas as propriedades (quer consideradas como universais ou como abstrações linguísticas) são atemporais.” (THOMPSON, 2013, p. 481). Ele argumenta que a vida não é uma coisa como estas propriedades, mas um processo emergente. A relação de auto-organização entre processo e estrutura em um meio tem uma relevância bastante importante para as capacidades causais dos processos emergentes. “Os processos emergentes com interesse para a abordagem enativa ocorrem em sistemas complexos ...” (THOMPSON, 2013, p. 482). Os sistemas complexos são originados a partir da interação de elementos cujos processos modificam suas estruturas mantendo uma rede acoplada ao meio externo. Somente tais sistemas de interações não lineares podem gerar processos emergentes. Máquinas que possuem elementos interligados somente por processos lineares são capazes apenas de produzir “resultantes”. Em sistemas autopoieticos o interior do sistema propicia um meio onde podem ocorrer eventos que não poderiam ocorrer fora dele. No caso da célula, a síntese pro-

teica e a replicação de ARN/ADN são um exemplo, afirma Thompson (2007/2013). A noção vaga de “causação descendente” para o autor indica somente que um sistema autopoietico modifica a probabilidade de ocorrências ao produzirem um meio interno diferenciado do meio externo. Ora, este conceito de “causação descendente” é perfeitamente conivente com a seleção natural. Não há uma propriedade que produz coisas no interior do sistema, mas a produção de um meio no interior de uma forma emergente que possibilita ocorrências.

“Limitação” é, portanto, uma noção formal ou topológica (Deacon, 2003). A forma, configuração ou topologia de um sistema limita ou evita certos comportamentos possíveis que as partes poderiam ter por si mesmas, ao mesmo tempo que lhes abre novas possibilidades em virtude dos estados a que o sistema pode aceder como um todo (JUARRERO, 1999 segundo THOMPSON, 2013, p. 487)

Ou ainda citando Varela, diz Thompson:

A causalidade descendente corresponde à influência que a relação dos componentes do sistema tem no comportamento desses componentes. Mais precisamente, corresponde à influência da organização topológica do sistema sobre os seus processos constituintes (VARELA, 1979 segundo THOMPSON, 2013, p. 489)

Thompson (2007/2013) entende que esta dinâmica em larga escala pode modular as interações complexas do sistema neuronal o que acaba “... implicando ou ‘atraindo’ o comportamento de neurónios individuais para um padrão particular de atividade global.” (p. 484)

A emergência dessas propriedades distintas e irreduzíveis (como a “vida” ou a “consciência”), dada uma organização de nível macro suficiente, e a sua superveniência nesse nível macro, foram entendidas como factos brutos da natureza, a ser aceitos numa “atitude de piedade natural”, na frase de Samuel Alexander.” (THOMPSON, 2013, p. 492)

Thompson cita um trecho de Searle coerente com estas ideias de substituir a ideia de propriedade pela de processos e de forma ou to-

pologia do sistema: “A forma correta de pensar isto não é tanto “descendente”, mas como causalidade do sistema. O sistema, enquanto sistema, tem efeitos causais sobre cada elemento, embora o sistema seja constituído por esses elementos.” (SEARLE, 2000 segundo THOMPSON, 2013, p. 489). Reduzir as propriedades a processos e eliminar o conceito pode afastar o dualismo mas em que medida inviabiliza o trato da mente em seu aspecto fenomênico? Não precisaríamos mais falar nem de ascendência e nem de descendência causal da propriedade mental. Eliminar tem seus benefícios. Todavia, se não existe propriedades o que seriam os *qualia*?

[...] a abordagem que Kim faz à emergência é inteiramente dominada pelo problema cartesiano mente-corpo [...] uma concepção muito abrangente e problemática do “físico”, que inclui tudo o que tem a ver com a biologia e a psicologia, exceto a consciência fenomenal (que é excluída, não como algo imaterial, mas como algo que resiste à análise reduitiva fisicalista), os únicos candidatos que restam para a emergência são os “qualia”, as propriedades qualitativas ou fenomenais da experiência consciente. (THOMPSON, 2013, p. 502)

Entre os *qualia* e a causação descendente. Manter no corpo teórico apenas processos emergentes possibilita lidar de forma bastante eficiente com a noção intuitiva de causação descendente, mas dificulta a compreensão dos *qualia*. Não parece ser fácil optar pelos dois, todavia a crítica de Thompson parece ser bem melhor aplicada ao dualismo de propriedades do que ao emergentismo de Searle. Ainda sobre a descendência: “Essa influência é topológica. Portanto, não se trata de uma força externa que atua sobre algo, mas de uma interligação ou relação entre processos.” (THOMPSON, 2013, p. 490). O clássico problema do interacionismo cartesiano ressurgem ao se pressupor que uma propriedade de um todo pode provocar alterações nos elementos. Se as propriedades dos todos não têm esta capacidade causal são assim supérfluas, mas se possuem essa capacidade violam o “fechamento causal do físico”. Com efeito, uma solução é não se falar de propriedades de um todo, mas da topologia do todo. Até que ponto é possível entender os *qualia* como formas, topologias, configurações ou padrões para desconstruir o problema mente-corpo? Até que ponto não volta-

mos ao triplo aspecto ontológico dos sistemas? Sugerimos um passeio pelos precursores desta ideia.

O PROBLEMA MENTE-CORPO NA TEORIA DA GESTALT

Segundo Ehrenfels (1890; 1932/1988), as “*gestaltqualitäten*” são qualidades de experiência que não podem ser explicadas como combinações de elementos sensoriais. Por exemplo ele cita uma melodia tocada a partir de diferentes tons e instrumentos que se mantém idêntica mesmo diante da variabilidade dos elementos. Os elementos perceptuais vistos a partir de diferentes ângulos se reconfiguram mantendo a identidade do objeto visto. Köhler (1929/1947) defende que era preciso entender a *gestalt* se referindo não somente a propriedades gerais da sensação como a forma triangular ou o ritmo de uma melodia, mas também como a unidade ou entidade concreta que tem como característica uma forma, uma propriedade, um padrão ou uma configuração. Foram seus estudos com Max Planck que levaram Köhler a entender em sua obra sobre *gestalt* física que o paradigma mecanicista da física até o momento estava falho. A compreensão do magnetismo como fenômenos dependentes da eletricidade, propiciou não somente um avanço na compreensão dos campos eletromagnéticos como também uma revisão da teoria da dependência e do conceito de matéria (SMITH, 1988).

As ondas eletromagnéticas figuram como o ápice da crítica ao mecanicismo atomista: um campo elétrico e um campo magnético sustentando-se mutuamente de forma a propagarem-se pelo espaço. Assim, Köhler se lança na escrita de sua “*Psicologia da Gestalt*” buscando definir a mente como um campo de força eletromagnético. A hipótese de Köhler era de uma identidade, não de tipo a tipo, mas de *gestalt* a *gestalt* entre os fenômenos subjetivos e os campos magnéticos gerados pela atividade dos impulsos elétricos nas redes neuronais. Em ciências cognitivas, dados neurológicos obtidos a partir de ressonância magnética são notórios, envolvendo identificação pelos experimentadores de objetos imaginados pelos sujeitos dos estudos. Para Köhler (1929/1947) a mente é ativa, pois sua força é a força eletromagnética. Ora, podemos dizer certamente que nesta perspectiva a mente é causalmente eficien-

te pois herda de sua base física a capacidade causal, seguindo precisamente o enunciado pelo princípio da herança causal. Como uma única *gestalt*, a mente-cérebro é descrita aqui como um sistema dinâmico que não opera de forma passiva frente ao ambiente (crítica ao comportamentalismo), mas que é capaz de organizar ou modificar ativamente os elementos sensoriais recebidos.

Com uma terminologia processual, bem característica do movimento cognitivista incipiente do final da década de cinquenta, temos a seguinte descrição do isomorfismo por Madden:

- I. *Experienced order in space is always structurally identical with a functional order in the distribution of underlying brain processes.*
- II. *Experienced order in time is always structurally identical with a functional order in the sequence of correlated brain processes.*
- III. *Units in experience go with functional units in the underlying physiological processes.* (MADDEN, 1957 segundo Smith, 1988, p. 376)

Fica claro como no discurso de Madden que a *gestalt* em Köhler (1929/1947) se torna uma ordem funcional de processos fisiológicos e cerebrais. Para Köhler a *gestalt* física são formas, configurações ou topologias, sendo a *gestalt* psicológica somente a realização de mais um caso de *gestalt* física possível. A ontologia estrutural e processual das ciências cognitivas não são entendidas como contraditórias à teoria da *gestalt*, pelo contrário sua assimilação foi e continua sendo bastante instigante, na compreensão de certo *todo* como uma emergência de forma, de configuração ou de formato.

The concept of *Gestalt* may be applied far beyond the limits of sensory fields. According to the most general definition of *Gestalt*, the processes of learning, of reproduction, of striving, of emotional attitude, of thinking, acting, and so forth, may be included as subject-matter of gestalt-theory insofar as they do not consist of independent elements, but are determined in a situation as a whole (KÖHLER, p. 193, cf. Revised version p. 105 segundo SMITH, 1988, p. 351)

Em seu texto de 1932, ditado a sua esposa algumas semanas antes de sua morte, Ehrenfels refuta a visão empirista que lhe foi atribuída pe-

los fundadores da psicologia da *gestalt*, como tendo definido o conceito de *gestalt* de modo restrito ao domínio sensório. O ponto de partida da teoria da *gestalt* reconhece Ehrenfels foi entender as qualidades em fenômenos como a melodia. O argumento a ser valorizado discorria sobre a melodia não como a soma unitária de tons, mas como a qualidade, como um *todo* que matem sua identidade mesmo se os grupos de seus elementos constituintes, os tons, diferem. Enfatiza que a mesma melodia pode ser executada por diferentes teclas e instrumentos. Ora, nos parece bastante claro que segundo Ehrenfels uma variedade de elementos pode levar à uma mesma qualidade ou ao mesmo *todo*. O formato do *todo* é estacionário mesmo sob certa variedade dos elementos.

If the melody were **nothing other than** the sum of the tones, then we would have to have here different melodies, since different groups of tones are involved. (EHRENFELS, 1932, p. 121, griffo nosso)

Senhor Ehrenfels, seria possível reduzir a propriedade emergente aos elementos do sistema? O trecho acima oferece uma resposta cristalina sobre a irredutibilidade das qualidades aos seus elementos. No experimento mental de Ehrenfels, se a melodia fosse “nada além da” soma de tons, não seria possível a mesma melodia emergindo a partir de diferentes tons. Poderia-se imaginar, continua Ehrenfels, que os tons são qualidades específicas da mente e que a melodia se caracteriza como uma propriedade de uma outra essência, não mais aquela vinda das sensações e das coisas mundanas.

Ernst Mach, who was struck by this fact, drew from it the conclusion that the essence of melody must **reside in a sum of special sensations** which accompany the tones as aural sensations. But **he did not know how to specify these special sensations**, and in fact we are able to discover nothing of them in inner perception. (EHRENFELS, 1932, p. 121, griffo nosso)

De fato, Ehrenfels não deve ser incluído entre os defensores do dualismo de propriedades, tal como Mach. O efervescente debate sobre a problemática dos *qualia* na década de trinta tem em Ehrenfels um grande defensor da posição emergentista da mente.

As qualidades da percepção como a formação de certo *todo* não carece de entidades empíricas estruturais. Passa-se da atividade nervosa às qualidades, deixando para trás uma tradição empírica estruturalista de grande influência e envergadura.

The decisive step in the founding of the theory of Gestalt qualities was now the assertion on my part, that if the memory images of successive tones are **present as a simultaneous consciousness-complex**, then a presentation of a new category can arise in consciousness, a unitary presentation, which is connected in a peculiar manner with the presentations of the relevant **complex of tones.**" (EHRENFELS, 1932, p. 121, griffo nosso)

"Thus, for instance, with the image of an individual person which is (*certainly physically and in all probability psychically*) a Gestalt quality, ..." (EHRENFELS, 1932, p. 122, griffo nosso), fica mais fácil entender o aspecto isomórfico em Ehrenfels, onde o *todo* ou a unidade da experiência mental que tem um ser humano é certo *todo* físico do corpo deste ser humano. Segundo Smith (1988), Ehrenfels em seu texto de 1916, "Kosmogonie", se antecipou à obra "Static and Stationary Physical Gestalts" de Köhler escrita em 1920. Neste texto Ehrenfels inclui uma terminologia notável sobre a dinâmica de *gestalts* tanto descritas em uma perspectiva física quanto mental. Ele deixa clara a noção de isomorfismo, central e bem definida na obra "Psicologia da Gestalt" de Köhler em 1929. Cabe ainda dizer que o primeiro traço da ideia de que existe realmente *gestalt* física, segundo Smith (1988), pode ser encontrada em Koffka, ainda em 1915, na obra "Beitrage zur Psychologie der Gestalt".

A psicologia da *gestalt* foi enormemente assimilada pela psicologia cognitiva, sobretudo junto às comunidades que estudam a percepção, mas não somente. Todavia, a teoria dos sistemas complexos demorou bastante para alcançar remarcada atenção da comunidade de ciências cognitivas. Ocorrendo desde 1997, as Conferências Internacionais de Sistemas Complexos exercem um papel fundamental de retomada de um pensamento que havia sido esquecido. Em 1925, Köhler publica na revista "Psychologische Forschung" o artigo "**Komplextheorie und Gestalttheorie. Antwort auf G. E. Müllers Schrift gleichen Nantens**" e no ano seguinte, em 1926, Köhler publica na mesma revista o artigo "**Zur Kom-**

plextheorie". Koffka também não se mantém indiferente ao debate. Em 1924/1925 publica na revista londrina "*Psyche*" artigo intitulado "*Psychical and Physical Structures*" e em 1960, conduzindo a teoria da *gestalt* ao movimento cibernético e da teoria dos sistemas, Weinhandl edita seu texto "*Gestaltbegriffe und Mechanismus*". A chegada da psicologia da *gestalt* à cibernética, movimento articulador das ciências cognitivas que viria somente ser assim batizada a partir de 1967, se realiza ainda com a participação de grandes autores da psicologia da *gestalt*.

A retomada de noções emergentistas e de sistemas complexos fazem parte da agenda da filosofia da mente, agenda marcada por bifurcação e pelas trajetórias convergentes entre esta e as ciências cognitivas, cujo fundamento teórico se deslocou do cognitivismo ao conexionismo e hoje discute a teoria enativa e a perspectiva sistemas complexos da mente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo conclusivo, noções emergentistas atualmente em uso e problemáticas em filosofia da mente são encontradas na teoria da *gestalt*, que apresenta-se como uma importante fonte precursora da perspectiva emergentista e de problemas que se vem tratando relativos à irreduzibilidade da mente e à causação mental. Encontramos em Christian von Ehrenfels um precursor da tese emergentista sobre a mente ao defender: 1) propriedades estáveis e robustas emergindo a partir das relações complexas de elementos físicos; 2) a irreduzibilidade das propriedades mentais aos elementos do sistema; 3) a negação de propriedades especiais; e 4) a *gestalt* mental como *gestalt* física.

De suas origens na teoria empírica e no fundacionismo, a filosofia analítica é marcada por uma intensa e brilhante trajetória com a lógica, com a matemática e vem convergindo para a filosofia da linguagem e por fim para a filosofia da mente. De mesma origem empirista e fundacionista, a psicologia empírica se desenvolve dando origem à psicologia da *gestalt*, hoje enormemente ou completamente assimilada pela psicologia cognitiva. A convergência da filosofia da mente e das ciências cognitivas tem em suas trajetórias um encontro no cruzamento do emergentismo com os sistemas complexos. A convergência já parecia estar escrita na história.

Frente aos problemas dos *qualia* e da causação descendente, uma teoria emergentista e sistemas complexos da mente se mostra promissora. Manter no corpo teórico apenas processos emergentes possibilitaria lidar de forma bastante eficiente em ciência com a noção intuitiva de causação descendente, mas dificultaria a compreensão dos *qualia*. É preciso destreza teórica para manter aspectos importantes de ambas noções e evitar problemas maiores. As críticas de Thompson ao conceito de propriedades emergentes parece ser bem melhor aplicada ao dualismo de propriedades do que a posições emergentistas monistas.

Com efeito, avançamos ao deixar a ideia de propriedades de um *todo* em detrimento da ideia de topologia do *todo* ou de forma do sistema autopoietico. Sistemas não possuem propriedades como se estas fossem um tipo de elementos constituintes do sistema. Este é o ponto, esta é a justa medida entre a vaga, problemática e aventureira noção de propriedades. Mas os sistemas complexos possuem uma forma emergente, uma topologia, uma configuração. Mas em que sentido é possível entender os *qualia* como qualidades de formas, de topologias, de configurações ou de padrões para desconstruir o problema mente-corpo? É certo que não se avança muito em dizer que a consciência, o fenômeno subjetivo, em primeira pessoa, é uma “propriedade emergente” tal como a liquidez de moléculas de H₂O. Isto da mesma forma que dizer que um *qualia* é exatamente a topologia de um sistema autopoietico interno, que os *qualia* são *todos* psicofísicos.

Até que ponto não voltamos ao triplo aspecto ontológico dos sistemas? Não parece, com as críticas de Thompson que houve um recuo a um monismo de duplo aspecto. Thompson enfatiza os processos, estes baseados em estruturas, mas onde a autopoiese funda um *todo*, uma topologia ou forma “do sistema”, mas que é o sistema, é seu limite, são suas bordas. O sistema autopoietico age causalmente como sistema, mantendo a forma, a unidade causal. Somente os sistemas são causais, sejam eles quarks, cadeiras, planetas ou galáxias. Entendemos que Thompson contribui para que a tese emergentista se mantenha distinta do dualismo de propriedades. Para isso é fundamental definir que as propriedades emergentes em sistemas complexos são a topologia destes sistemas auto-organizados. O que seria a liquidez, a solidez ou a transparência? Propriedades pairando sobre o sistema

como chapéus ou a topologia destes sistemas? Entendemos “líquido” como uma palavra atribuída à topologia das complexas interações entre as moléculas de H₂O. O significado desta palavra não se encontra em uma propriedade física pairando sobre o sistema físico, nem sobre uma propriedade mental atribuída ao sistema físico, mas efetivamente nos usos da palavra “líquido”. É muito útil aqui a máxima de Wittgenstein (1953/1996).

Não entendida como formas emergentes de sistemas, uma propriedade emergente é o sintoma de um cartesianismo, abrindo margem ao epifenomenismo ou ao dualismo de propriedades. Com efeito, ou a propriedade torna-se um adereço ou ela abre o fechamento causal do físico. Como forma emergente o sistema constituído assim se insere como unidade nas relações causais do nível de organização que a emergência do sistema o posicionou. Não há aqui necessidade de “causação descendente da propriedade”, podendo toda ela ser reduzida à resiliência da forma e aos processos e estruturas emergentes. Em acoplamento estrutural, realiza-se no sistema autopoietico meios internos possibilitando o surgimento de formas internas que não teriam possibilidade de ocorrer na ausência destes meios. Não há na autopoiese infração mas conviência ao princípio do fechamento causal do domínio físico e da seleção natural.

REFERÊNCIAS

- Berkeley, G. (1998). *A Treatise Concerning the Principles of Human Knowledge*. Editado por Jonathan Dancy. Oxford University Press. (Original publicado em 1710)
- Ehrenfels, C. von (1988). On ‘Gestalt Qualities’. Trad. de Barry Smith. In: *Foundations of Gestalt Theory* (pp. 82-117). Munich and Vienna: Philosophia Verlag. (Original publicado em 1890)
- Ehrenfels, C. von (1988). On ‘Gestalt Qualities’ (1932). Trad. de Barry Smith. In: *Foundations of Gestalt Theory* (pp. 121-123). Munich and Vienna: Philosophia Verlag. (Texto original de 1932)
- Köhler, W. (1947). *Gestalt Psychology: An Introduction to New Concepts in Modern Psychology*. New York: Liveright. (Original publicado em 1929)
- Nagel, T. (2004). What is it like to be a bat? In: Heil, J. *Philosophy of Mind: a*

guide and anthology (pp. 528-538). New York: Oxford University Press. (Original publicado em 1974)

Searle, J. (2006). *A Redescoberta da Mente*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1992)

Searle, J. (2010). Filosofia Contemporânea nos Estados Unidos. In: Bunnin, N.; Tsui-James, E. P. *Compêndio de Filosofia* (pp. 1-23). São Paulo: Edições Loyola. (Original publicado em 1996)

Smith, B. (1988). *Foundations of Gestalt Theory*. Munich and Vienna: Philosophia Verlag.

Thompson, E. (2013). Emergência e o problema da causalidade descendente. In: *A Mente na Vida: Biologia, Fenomenologia e Ciências da Mente* (pp. 479-505). Lisboa: Instituto Piaget. (Original publicado em 2007)

Wittgenstein, L. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Original publicado em 1953)